

## Capítulo 44

# Acesso à formação profissional e espaço de oportunidade

## Um estudo na Região Autónoma dos Açores

*Rolando Lalanda-Gonçalves*

Universidade dos Açores (rlalanda@uac.pt)

*Suzana Nunes Caldeira*

Universidade dos Açores

*Oswaldo Silva*

Universidade dos Açores

### Introdução

Nesta comunicação propomo-nos pôr em evidência os perfis relativos à formação profissional dos jovens açorianos tendo em conta as principais variáveis e indicadores das suas trajetórias escolares e laborais.

Com efeito o sistema de formação profissional, estruturado através de uma rede de escolas de formação profissional de base concelhia, proporciona um conjunto de oportunidades e também de constrições que são percecionadas pelos jovens no contexto das suas trajetórias escolares e laborais.

As modalidades de formação desenvolvidas nos Açores são definidas em diploma pela Secretaria Regional da Educação e Formação e são compostas por *cursos profissionais* orientados primariamente para a inserção no mercado de trabalho tendo uma duração de três anos letivos e conferindo um diploma de nível três e um diploma escolar de nível secundário; *Cursos de aprendizagem* que são cursos de formação profissional em alternância que permitem a obtenção de uma qualificação de nível dois e uma habilitação escolar equivalente ao terceiro ciclo. *Cursos de educação e formação* regem-se na Região Autónoma dos Açores por diploma próprio assumindo a designação PROFIJ — Programa Formativo de Inserção de Jovens que alterna a formação socio-cultural, formação científica e tecnológica num estabelecimento de ensino/formação e formação em desempenho em contexto real de trabalho. Neste âmbito dos *cursos de educação e formação* também foi criado o programa REACTIVAR (Portaria nº82/2003 de 16 de Outubro). Este Portaria adapta à Região os cursos de educação e formação de adultos

(EFA). Este programa oferece um conjunto de itinerários formativos para pessoas de idade igual ou superior a 16 anos que sejam titulares de diploma de escolaridade obrigatória. *Cursos de qualificação* orientados para a formação e qualificação de jovens adultos com mais de 16 anos possuindo a escolaridade obrigatória. Os *CET* (*cursos de especialização tecnológica* criados pelo Decreto Lei nº88/2006 de 23 de Maio), tal como em termos nacionais, são cursos de nível pós-secundário não superior conferindo um diploma de nível IV. Assim, no contexto regional coexistem iniciativas nacionais e regionais configurando um sistema de formação com algumas especificidades (cf. Pacheco, Tiago, 2014: 37-42).

Neste contexto a estratégias de acesso à formação profissional são condicionadas pela perceção por parte dos jovens de um *espaço de oportunidade* (Lalanda-Gonçalves, 2000). Constituindo um sistema com características de algum paralelismo em relação ao percurso escolar tradicional, poderíamos questionar se o acesso a cursos de formação profissional é compreendido numa lógica de ultrapassagem de constricções percecionadas no percurso escolar e de inserção do formando no mercado de trabalho em contextos de proximidade geográfica e social. (Pacheco, T., 2014)

A relação entre as trajetórias escolares (saída precoce ou não do sistema de ensino regular) e as modalidades de inserção precoces ou tardias de entrada no mercado de trabalho parecem determinantes na construção deste *espaço de oportunidade* entendido aqui como a perceção positiva na realização de ações e ou cursos de formação profissional tendo em vista a inserção no mercado de trabalho (cf. Lalanda-Gonçalves, R. 2000).

Esta problemática torna-se central na nossa abordagem, na medida em que os dados que iremos analisar resultam essencialmente da perceção dos jovens açorianos acerca das modalidades de acesso e inserção em contextos de formação profissional e que esta dinâmica revela elementos de reprodutibilidade do sistema social bem como introduz alguns elementos de transformação estrutural .

Esta é uma primeira abordagem insere-se nalgumas linhas de força evidenciadas em diversos trabalhos realizados no quadro do CES (Centro de Estudos Sociais) da Universidade dos Açores que abordaram a transição escola/trabalho (Diogo, F., 2007; Palos, A.C, 2004)) e atitudes vocacionais dos jovens açorianos (Caldeira, S., 1994) ou ainda na problemática da relação família/escola (Diogo, A. 2008) bem como em

projetos realizados e em curso no Observatório da Juventude dos Açores (OJA).

Assim, o principal objetivo desta comunicação é o de caracterizar as lógicas sociais inerentes à frequência ou não de cursos de formação profissional na Região Autónoma dos Açores e o seu significado no contexto do sistema de educação/formação na Região Autónoma dos Açores. Para tal, a partir de um inquérito por questionário, realizado em 2010 a uma amostra representativa dos jovens açorianos de 15 a 34 anos composta por 1485 indivíduos procedeu-se a uma análise em correspondências múltiplas ACM tendo em vista estudar as associações entre as categorias das diversas variáveis qualitativas nominais e das variáveis que foram recodificadas em qualitativas nominais diretamente ligadas à compreensão tanto das trajetórias escolares e laborais na sua relação com a frequência ou desejo de frequentar cursos de formação profissional.

Assim numa primeira parte iremos caracterizar a problemática da frequência e acesso à formação profissional e num segunda parte iremos apresentar os resultados da análise ACM que permitiram identificar os principais perfis relativos a formação profissional dos jovens açorianos.

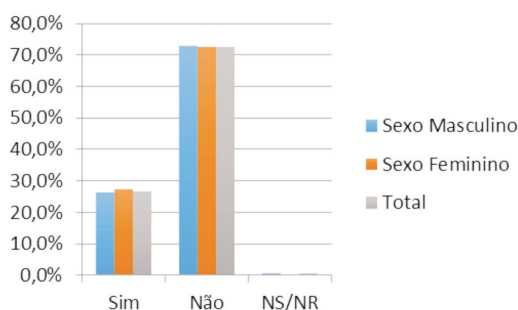
### Os jovens açorianos e a formação profissional

A problemática da relação dos jovens açorianos com a formação profissional estrutura-se, como já afirmámos anteriormente, num contexto onde as trajetórias escolares e laborais são determinantes na formação da perceção dos jovens acerca da relevância ou não da frequência ou não de ações ou cursos de formação profissional.

#### *A frequência de ações e de cursos de formação profissional : sexo e os grupos etários*

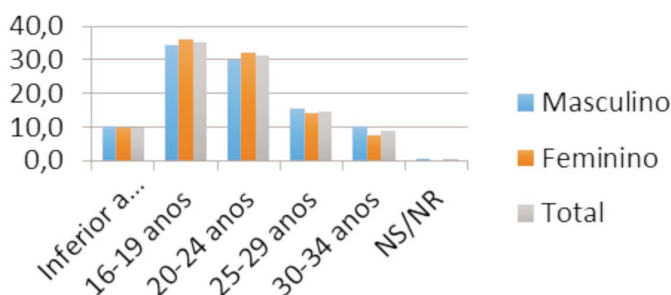
Em termos globais a adesão dos jovens açorianos à formação profissional aponta para que cerca de 30% dos jovens açorianos já frequentaram um curso ou uma ação de formação profissional (cf. figura 44.1).

Não encontramos uma diferencialidade na intensidade de frequência em relação ao sexo dos entrevistados o mesmo acontecendo quando consideramos os grupos etários onde existe uma maior incidência da frequência da formação profissional (16-19 e 20-24) (cf. figura 44.2).



**Figura 44.1** Frequência (ou não) de Formação Profissional

Fonte: Inquérito aos jovens açorianos, Ponta Delgada, DRJ, 2010 (N=1485).

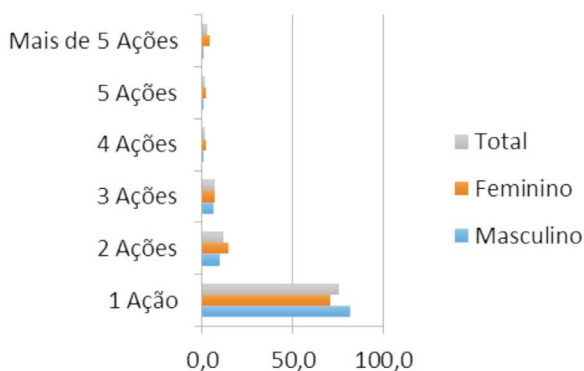


**Figura 44.2** Idade de frequência da formação profissional

Fonte: Inquérito aos jovens açorianos, Ponta Delgada, DRJ, 2010 (N=1485).

Este facto pode sugerir uma relação entre a frequência de ações e cursos de formação profissional e a escolaridade tanto como forma de acesso (requisito de determinados diplomas para aceder a um curso ou uma ação de formação) como na relação existente entre a formação profissional e a obtenção de um determinado grau académico.

Na deusa de ser significativo que a formação profissional surja associada a transições (cf. Guerreiro, M., & Abrantes, P., 2004) e muito embora não tenhamos, nesta comunicação, analisado as modalidades de inserção no mercado de trabalho será interessante considerar, numa abordagem futura, as modalidades de transição que estão



**Figura 44.3** Distribuição, por sexo, do número de ações frequentadas pelos inquiridos

Fonte: Inquérito aos jovens açorianos, Ponta Delgada, DRJ, 2010 (N=398).

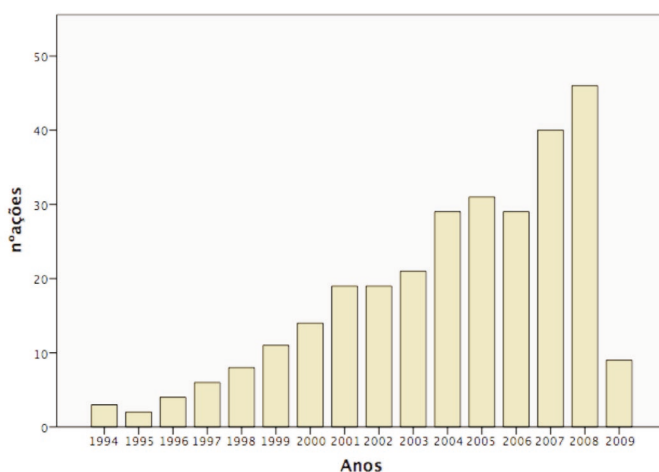
associadas aos percursos de formação e de qualificação profissional (Alves, N. 2009).

No que diz respeito à frequência de ações e cursos de formação, em termos globais, verifica-se que entre os jovens que dizem já ter usufruído de experiência no domínio dos saberes profissionais, a maioria afirma ter realizado apenas uma ação (cf figura 44.3).

O número relativamente mais elevado de uma única ação de formação poderá corresponder preponderantemente a uma formação profissional inicial, surgindo como uma transição que visa a integração num emprego.

As restantes experiências formativas poderão ser encaradas como formação contínua, no posto de trabalho, ou de aperfeiçoamento, podendo configurar transições que procuram o estabelecimento e a manutenção num emprego. Contudo, também se admitem outras interpretações, tais como: (1) a de se tratar da procura de uma formação politécnica, porque o referencial atual assenta numa família de profissões e não mais numa única profissão (Correia, 1996); (2) ou ainda, a de se tratar de uma aposta na diversificação de competências, designadamente pessoais, interpessoais e instrumentais, para além das competências técnicas.

Neste processo de procura de formação profissional verifica-se que esta opção encontra-se cada vez mais no campo de decisão dos jovens açorianos e tem vindo a ganhar importância ao longo dos anos (cf. figura 44.4).



**Figura 44.4** Adesão à formação profissional, por ano civil.%

Fonte: Inquérito aos jovens açorianos, Ponta Delgada, DRJ, 2010 (N=398).

Com efeito, verifica-se uma crescente dinamismo da formação profissional principalmente a partir dos anos 2002/2003. Os dados apresentados na figura 44.4 dizem respeito ao ano de conclusão de uma primeira ação de formação pelos respondentes do inquérito aos jovens açorianos.

### *Modalidades de acesso e a opção pela formação profissional*

O campo de decisão pela formação profissional é determinado pelo contexto social económico e geográfico no qual se inserem os jovens açorianos mas também devemos considerar a perceção destes atores acerca das modalidades de acesso às informações relevantes para o efeito. A informação referente às fontes de informação que permitiram aos jovens terem conhecimento da oferta formativa de natureza profissionalizante encontra-se esquematizada na figura 44.5. O local de trabalho, as escolas do ensino regular e os conhecimentos pessoais afiguram-se fontes informativas de relevo.

O local de trabalho, as escolas do ensino regular e os conhecimentos pessoais afiguram-se fontes informativas de relevo. A importância das redes sociais na mediação com as instituições formativa é

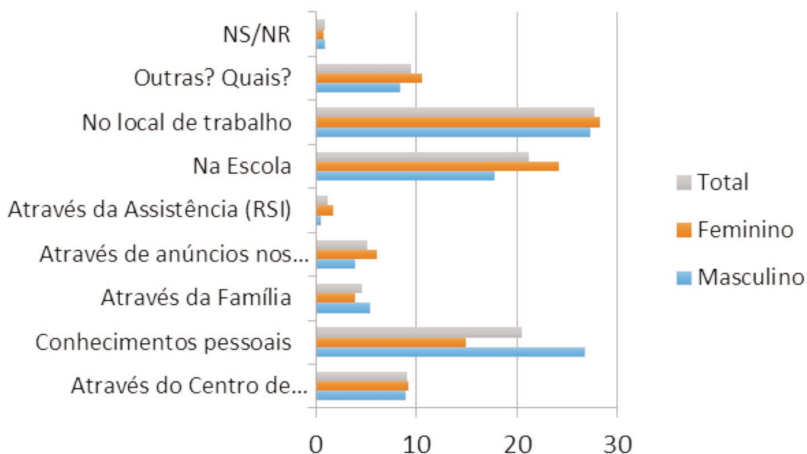


Figura 44.5 Fontes de divulgação da formação profissional

Fonte: Inquérito aos jovens açorianos, Ponta Delgada, DRJ, 2010 (N=398).

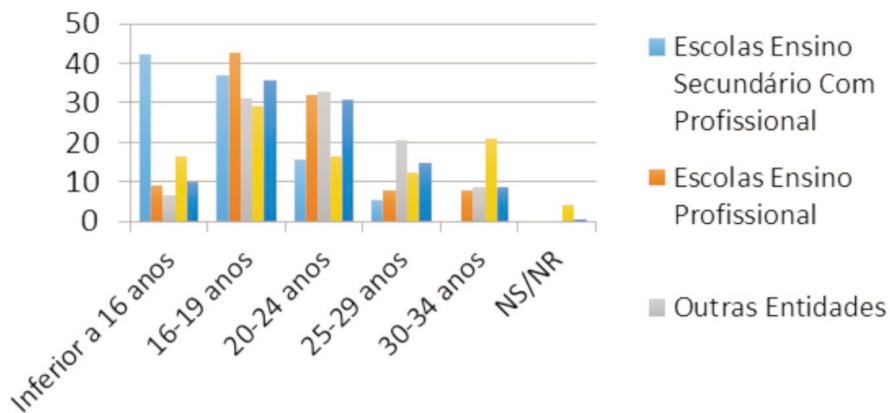


Figura 44.6 Entidades formadoras %

Fonte: Inquérito aos jovens açorianos, Ponta Delgada, DRJ, 2010 (N=398).

relevante para a compreensão do quadro de decisão dos jovens açorianos, principalmente no caso do sexo masculino.

É ainda de referir a necessidade dos Centros de Emprego e do Instituto de Segurança terem um papel mais ativo na divulgação de cursos de formação profissional.

No que concerne às entidades formadoras, apresentadas na figura 44.6, releva-se a importância da formação no contexto escolar aparecer sobretudo nos jovens de baixa idade sendo que as escolas de ensino profissional são escolhidas sobretudo pelos jovens entre 16 e 24 anos.

A partir dos 25 anos predominam “outras entidades” (Empresas, Câmaras Municipais, Associações etc.) o que se insere no quadro de ações de formação orientadas tanto para a aquisição de competências no contexto laboral como de competências para uma melhor integração social.

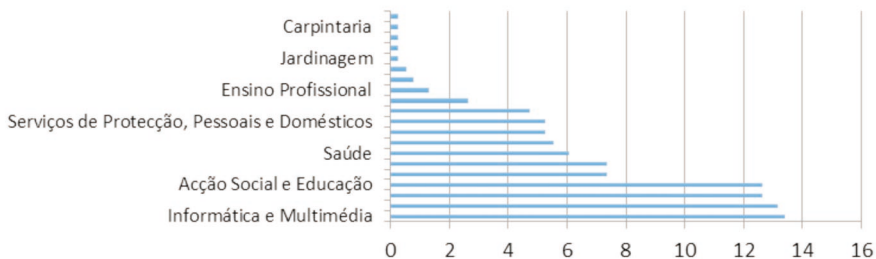
No respeitante às formações mais procuradas, como se ilustra na figura 44.7, há uma grande diferencialidade nas preferências expressas pelos jovens.

Esta heterogeneidade poderá ser explicada tanto pelo tipo de oferta disponível em cada uma das ilhas, como pelo mercado de primeiro emprego, como pela maior participação da mulher no mercado de trabalho, principalmente em profissões tidas como predominantemente “femininas”, como ainda por exigências para estabelecimento e manutenção de um emprego já conseguido, entre outros aspectos.

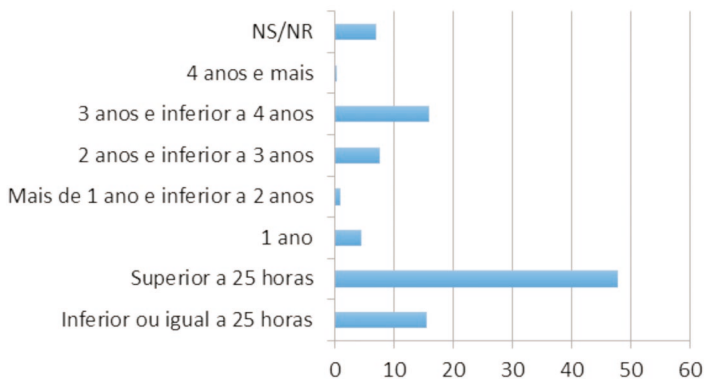
Esta diferencialidade pode indiciar que estratificação social existente na Região Autónoma determina um conjunto de opções de formação profissional. Com efeito, poderá existir uma tensão entre a formação oferecida nos diferentes contextos (sistema escolar, empresas, associações etc.) e as trajetórias (feitas de opções em contextos sociais determinados) escolares e laborais dos jovens açorianos.

Por exemplo, a orientação da oferta/procura de formação profissional, na área dos serviços, pode não ser congruente com a estrutura socioeconómica de determinados espaços quando oferecida em contextos onde as atividades agrícolas e a agropecuária são ainda dominantes (cf Pacheco, T:2014), podendo defraudar expectativas nas trajetórias individuais.

No que diz respeito à informação sobre a duração da formação frequentada (cf. figura 44.8), em regra, os jovens dos Açores dizem frequentar formações em torno das 25 horas, embora a maior concentração das escolhas recaia sobre a condição superior a 25 horas (mas inferior a um ano).



**Figura 44.7** Áreas de formação realizadas%  
 Fonte: Inquérito aos jovens açorianos, Ponta Delgada, DRJ, 2010 (N=398).

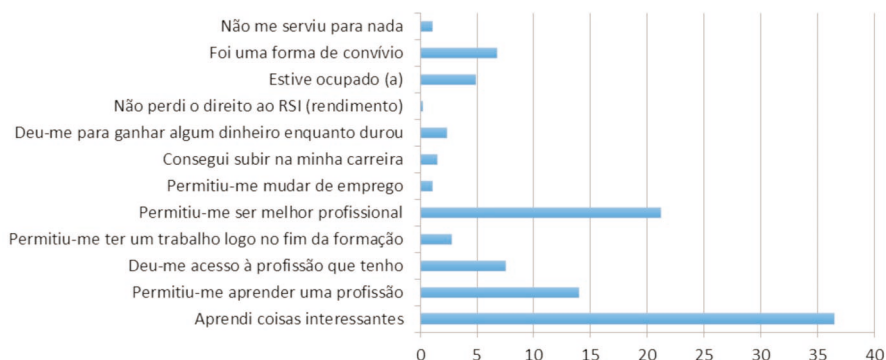


**Figura 44.8** Tempo, em horas ou anos, da formação frequentada %  
 Fonte: Inquérito aos jovens açorianos, Ponta Delgada, DRJ, 2010 (N=398).

Esta opção permite equacionar a ideia de que existe uma elevada proporção de jovens que encontra no ensino profissional uma via para a sua integração no mundo do trabalho ou de aprofundamento ou aperfeiçoamento de conhecimentos.

A opinião dos jovens em relação à formação frequentada é apresentada na figura 44.9.

Na opinião dos jovens, a ação/curso frequentado possibilitou a aprendizagem de coisas interessantes, contribuiu para o desenvolvimento de um maior profissionalismo e permitiu aprender uma profissão.

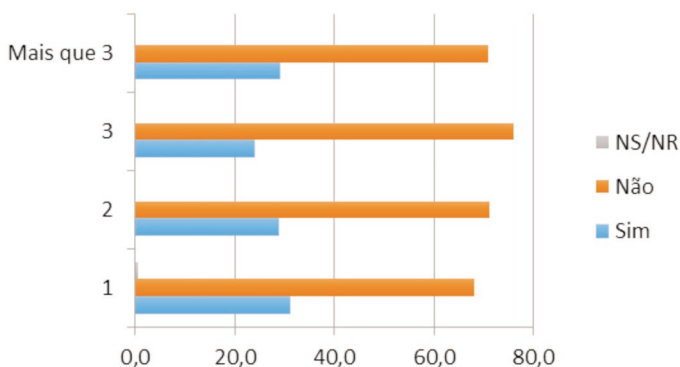


**Figura 44.9** Opinião sobre a formação frequentada %.

Fonte: Inquérito aos jovens açorianos, Ponta Delgada, DRJ, 2010 (N=398).

### *A frequência de ações de formação profissional e a trajetória escolar*

A frequência de ações ou cursos e formação profissional está profundamente ligada às trajetórias escolares dos jovens açorianos. No contexto da amostra (n=1485) a relação entre o número de reprovações e a frequência de cursos de formação profissional significativa (Qui quadrado = 10.773 e P=0,030) A leitura da figura 44.10 dá a conhecer que o número de repetências não alterará a frequência de cursos e ações de formação profissional (cf. figura 44.10).



**Figura 44.10** Número de reprovações no ensino regular e frequência de cursos de formação profissional %

Fonte: Inquérito aos jovens açorianos, Ponta Delgada, DRJ, 2010 (N=1485).

### *A frequência de ações de formação profissional e a trajetória laboral*

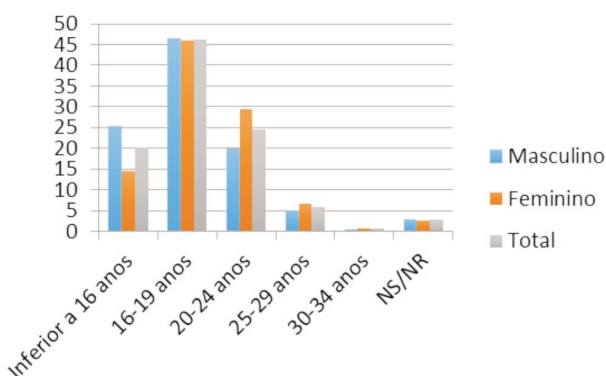
As trajetórias laborais dos jovens açorianos (masculinos e femininos) são marcadas pela diferencialidade (cf figura 44.11).

Com efeito quando questionamos os jovens açorianos acerca do seu primeiro contacto com atividades laborais (mesmo não remuneradas) verificamos que os do sexo masculino tendem a relacionar-se mais cedo com as atividades laborais do que os do sexo feminino (cf. figura 44.11). Este diferencial deve ser porém minimizado se se considerar que as atividades domésticas, muitas vezes não são percecionadas como trabalho.

Se nos focarmos nos jovens empregados que afirmam terem frequentado um curso/ ação de formação profissional verifica-se que estes encontram-se tendencialmente nos grupos profissionais mais qualificados (cf. figura 44.12).

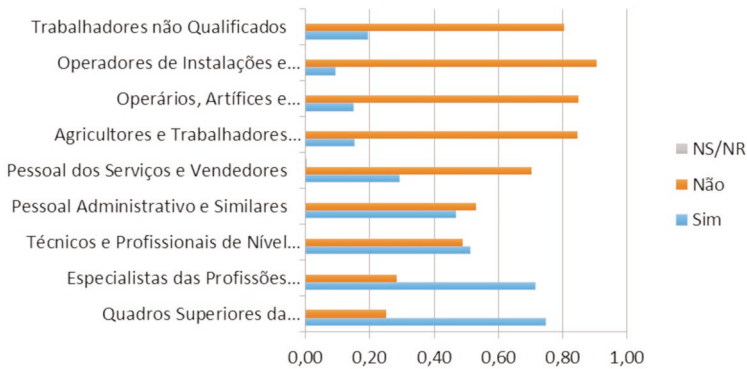
Existe uma associação significativa entre estas duas variáveis (frequência de formação profissional e categoria socioprofissional) com  $\text{Qui } 2 = 19.105$  e  $p=0.014$ .

Este facto poderá estar ligado à relação diferencial entre a frequência de ações e de cursos de formação profissional e as habilitações literárias (trajetória escolar). Com efeito perante trajetórias escolares mais longas e uma entrada mais tardia no mercado de trabalho a probabilidade de realizar ações e cursos de formação profissional é maior.



**Figura 44.11** Idade de início da atividade laboral %

Fonte: Inquérito aos jovens açorianos, Ponta Delgada, DRJ, 2010 (N=1485).



**Figura 44.12** Frequência (ou não) de Formação Profissional por grupo profissional %

Fonte: Inquérito aos jovens açorianos, Ponta Delgada, DRJ, 2010 (N=708).

Neste quadro, podemos afirmar que estamos perante diferentes perfis de relação com a formação profissional.

### Perfis de relação com formação profissional por parte dos jovens açorianos

Com efeito dos 398 jovens inquiridos que frequentam/frequentaram a formação, 59 deles nunca trabalharam e 338 destes trabalham ou já trabalharam. A nível de profissões exercidas pelos jovens que trabalham ou já trabalharam cerca de 36% destes são trabalhadores não qualificados.

Dos jovens que trabalham ou já trabalharam com habilitações literárias equivalentes ao 2º ciclo ou inferior cerca de 75% destes reprovaram na escola enquanto que dos que têm como habilitação o ensino superior só cerca de 47,5% é que reprovaram na escola.

Com o intuito de estudar as associações entre as categorias das diversas variáveis qualitativas nominais e das variáveis que foram recodificadas em qualitativas nominais foi utilizada a Análise em Correspondências Múltiplas (ACM). De forma resumir a informação presente nas variáveis originais, usou-se uma ACM com o método de normalização da simetria. Utilizou-se como critério de retenção das dimensões a regra do valor próprio superior a 1. A visualização das representações gráficas permite identificar as associações que se estabelecem

entre as categorias das variáveis em análise, com o objetivo de averiguar a existência (ou não) de grupos relativamente homogêneos.

A ACM foi utilizada com o objetivo de identificar perfis relativos à formação profissional dos jovens açorianos, tendo por base as coordenadas dos indivíduos nas duas primeiras dimensões.

Através da figura 44.13 podemos analisar as associações entre as variáveis e a respetiva importância para a definição das duas primeiras dimensões.

As variáveis faixa etária e atividade laboral são as que discriminam mais na dimensão 1 (ver quadro 44.1).

Associados a estas variáveis estão, ainda com uma contribuição relativamente relevante para a dimensão 1, as variáveis "O que fazer após os estudos" (12%), "profissão" (5,7%) e a "Situação perante emprego" (4,3%).

A escolaridade do jovem é uma variável fundamental para a definição da dimensão 2, com uma contribuição de 23,6%, ao qual se associa a "idade que abandonou a escola" (18,2%), "a idade de início da atividade profissional" (10,7%), "os cursos de formação profissional" (10,1%) e as "habilitações literárias que facilita a entrada no emprego" (9,6%).

Enquanto a primeira dimensão é estruturada fundamentalmente pela variável atividade laboral interligada com a variável sociodemográfica (faixa etária) na segunda dimensão encontramos variáveis referentes ao percurso escolar e da formação profissional e as repercussões na inserção na vida profissional.

As quantificações das categorias das variáveis utilizadas, como é apresentado no quadro 44.2, vão permitir projetar as categorias num gráfico bidimensional como o apresentado na figura 44.14. A representação das categorias tem como objetivo facilitar a análise e a visualização das associações entre as categorias das variáveis.

Com base no mapa perceptual, podemos destacar essencialmente três grupos de jovens. Um, circulado a vermelho, é referente aos jovens que têm as mais baixas habilitações escolares (1º ciclo ou menos e os do 2º ciclo), tendem a abandonar a escola muito cedo (com idades inferiores a 15 anos), já trabalharam e iniciaram uma atividade profissional com a idade inferior a 16 anos, estão geralmente desempregados, efetuam profissionalmente trabalhos não qualificados, tendem a frequentar cursos de formação profissional na área das pescas e da construção civil e percecionam o 9º ano como as habilitações literárias que

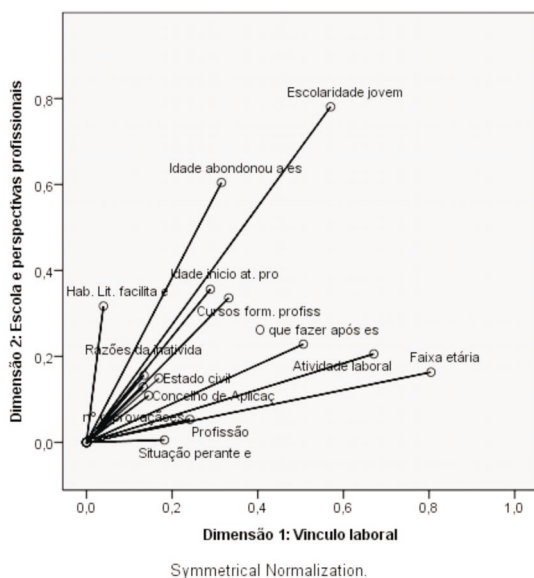


Figura 44.13 Medidas de discriminação (disposição das variáveis)

Quadro 44.1 Contribuições das variáveis em cada uma das dimensões

| Variáveis                  | Dimensão 1    |              | Dimensão 2    |              |
|----------------------------|---------------|--------------|---------------|--------------|
|                            | Discriminação | Contribuição | Discriminação | Contribuição |
| Atividade laboral          | 0.671         | 15,9%        | 0.206         | 6,2%         |
| Razões da inatividade      | 0.134         | 3,2%         | 0.156         | 4,7%         |
| Idade início at. profiss.  | 0.289         | 6,8%         | 0.356         | 10,7%        |
| Profissão                  | 0.241         | 5,7%         | 0.053         | 1,6%         |
| Cursos form. profissional  | 0.332         | 7,9%         | 0.336         | 10,1%        |
| Hab. lit. facilita emprego | 0.040         | 0,9%         | 0.317         | 9,6%         |
| O que fazer após estudos   | 0.506         | 12,0%        | 0.228         | 6,9%         |
| nº reprovações             | 0.145         | 3,4%         | 0.109         | 3,3%         |
| Faixa etária               | 0.804         | 19,0%        | 0.163         | 4,9%         |
| Escolaridade jovem         | 0.570         | 13,5%        | 0.781         | 23,6%        |
| Situação perante emprego   | 0.182         | 4,3%         | 0.006         | 0,2%         |
| Idade abandonou a escola   | 0.315         | 7,5%         | 0.605         | 18,2%        |
| Inércia                    | 0.353         |              | 0.276         |              |

Quadro 44.2 Quantificação das categorias das variáveis nas dimensões 1 e 2

|            | Variáveis                             | Quantificações negativas         | Quantificações positivas                                      |
|------------|---------------------------------------|----------------------------------|---|
| Dimensão 1 | Atividade laboral                     | Nunca trabalharam                | Trabalham ou já trabalharam                                   |
|            | Profissão                             |                                  | Administrativos   |
|            | Faixa etária                          | 15 a 19 anos                     | 30 a 34 anos  |
|            | O que fazer após estudos              | Estágio                          | Outra   |
|            | Situação perante emprego              |                                  | C. permanente, Out. sit. precária                             |
|            | Nº de reprovações                     | 3 ou mais vezes                  | Sem reprovação  |
| Dimensão 2 | Escolaridade jovem                    | 1º ciclo ou menos 2º ciclo       | ensino secundário Ensino superior                             |
|            | Hab. Lit. facilita entrada no emprego | 9º ano                           | Curso profissional e curso superior                           |
|            | Cursos form. profissional             | Pescas (P) Construção civil (CC) | Ação Social e Educativa (ASE) e Informática e Multimédia (IM) |
|            | Idade de abandono escolar             | Antes dos 15 anos                | 18 a 24 anos  |
|            | Idade início at. profissional         | Menos de 16 anos                 | 18 a 24 anos  |
|            | Razões da inatividade                 | desempregado                     | estuda  |

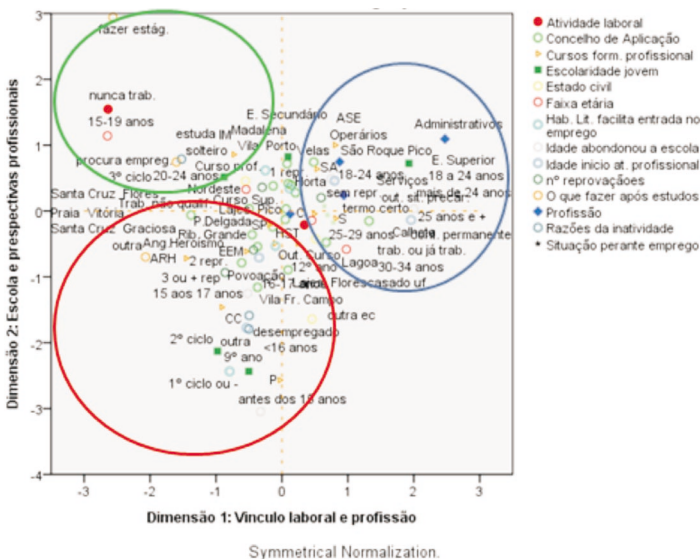


Figura 44.14 Mapa perceptual — Disposição dos jovens no espaço da formação profissional e escolar

facilitam a entrada no emprego. Trata-se assim de um *perfil de formação restrito*. O segundo grupo, identificado a azul, é composto pelos jovens com habilitações escolares mais elevadas (ensino secundário e superior), que em geral saíram da escola na faixa etária dos 18 a 24 anos, não reprovaram, iniciaram a atividade profissional entre os 18 e os 24 anos, trabalham ou já trabalharam, exercem uma profissão na área administrativa e de serviços, já frequentaram cursos de formação profissional tendencialmente ligados à Ação Social e Educativa (ASE) e Serviços, em que a situação perante o emprego é diversa (Contrato permanente, outras situações precárias e a termo certo) e expressaram que um curso profissional ou curso superior são as habilitações que facilitam a entrada no emprego. Este grupo pelas suas características corresponde a um *perfil aberto de formação*. O terceiro grupo, assinalado a verde, é referente aos jovens que nunca trabalharam, sem qualquer experiência profissional, situados na faixa etária dos 15 a 19 anos, solteiros, que estudam, que frequentam/frequentaram cursos de formação profissional em Informática e Multimédia (IM) e que após os estudos pretendem fazer estágio. Este grupo pelas suas características corresponde a um *perfil de formação contínuo*.

### Conclusão

Os três perfis de relação dos jovens com a formação profissional mostram que os mesmos encontram-se intrinsecamente ligados aos processos de estratificação e de mobilidade social tendo por base a qualificação. A problemática da frequência da formação profissional aparece também como reflexo de uma lógica social de acesso ao mercado de trabalho posta em evidência em diversos estudos sobre a transição para a vida ativa por parte dos jovens portugueses. (Palos, A.C.,2004; Guerreiro, M. D. & Abrantes P.,2007; Pais & Ferreira, 2010).

Para estes três perfis parecem contribuir de uma forma significativa as variáveis: nível de escolaridade alcançado; idade de saída/abandono do sistema escolar e idade de início da atividade profissional. A conjugação destas variáveis terá influencia na definição de expectativas de formação e de realização profissional, bem como na perceção de “espaços de oportunidade”.

## Referências bibliográficas

- Abreu, W. (2003), “Dinâmica de formatividade dos enfermeiros em contexto de trabalho hospitalar”, in R. Canário (Org), *Formação e Situações de Trabalho*, Porto, Porto Editora, pp. 147-168.
- Alves, N. (2009), *Inserção Profissional e Formas Identitárias*, Lisboa, Educa.
- Bilhim, J. (2009), *Gestão Estratégica de Recursos Humanos*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais E Políticas.
- Caldeira, S. N. (1994), *Valores e Escolhas Vocacionais dos Jovens Açorianos*, Ponta Delgada, Secretaria Regional Educação Cultura, ISBN: 972-96531-0-0.
- Correia, J. A. (1996), “Formação e trabalho: contributos para uma transformação dos modos de os pensar na sua articulação”, in A. Estrela, R. Canário, & J. Ferreirinha (Eds.) *Formação, Saberes Profissionais e Situações de Trabalho*, Actas do VI Colóquio Nacional da Secção Portuguesa da AIPELF/AFIRSE Lisboa, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, pp. 3-30.
- Crozier, M. (1979), *On Ne Change Pas La Societe Par Decret*, Paris, Grasset.
- Becker, G. (1993), *Human Capital*, London, University Chicago Press.
- Diogo, A. (2008), *Investimento das Famílias na Escola. Dinâmicas Familiares e Contexto Escolar Local*, Lisboa, Celta.
- Diogo, F. (2007), *Pobreza, Trabalho, Identidade*, Lisboa Celta.
- Ferry, G. (1983), *Le Traject de Formation*, Paris, Dunod.
- Guerreiro, M., & Abrantes, P. (2004), *Transições Incertas. Os Jovens Perante o Trabalho e a Família*, Lisboa, Direcção Geral de Estudos, Estatística e Planeamento.
- Lalanda-Gonçalves, Rolando (2000) “Insularidade e emprego: Por uma sociologia do espaço de oportunidade” in *Actas do IV Congresso Português de Sociologia*. Coimbra, Universidade de Coimbra, [http://www.aps.pt/cms/docs\\_prv/docs/DPR462dd4d46b6d3\\_1.PDF](http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR462dd4d46b6d3_1.PDF)
- Marques, M. (1996), Educação/Formação e Emprego, in A. Estrela, R. Canário, & J. Ferreirinha (Eds.) *Formação, Saberes Profissionais e Situações de Trabalho*, Actas do VI Colóquio Nacional da Secção Portuguesa da AIPELF/AFIRSE Lisboa, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, pp. 99-106.
- Ministério Do Ambiente, Ordenamento do Território e Desenvolvimento Regional (2005), *Programa Operacional Emprego, Formação e Desenvolvimento Social*, Portugal 2000-2006 Relatório Intercalar, Lisboa, Comissão de Gestão do Qca III – Direcção Geral Do Desenvolvimento Regional.
- Pacheco, T. (2014), *A Opção dos Jovens pelo Ensino Profissional: Contextos e Decisões. Um Estudo de Caso*, Dissertação de Mestrado em Sociologia, Ponta Delgada, Universidade dos Açores.
- Neves, J., Garrido, M., & Simões, E. (2008), *Manual de Competências Pessoais, Interpessoais e Instrumentais – Teoria E Prática*, Lisboa, Sílabo.
- Palos, Ana C. (2004), “Da escola ao mundo do trabalho: quando a incerteza e a precariedade configuram a inserção profissional dos jovens açorianos”, *Arquipélago – Ciências da Educação*, 5, pp. 89-110.

- Rocha, G. & Tomás, L. (2005), "Caracterização sócio-económica dos Açores", in G. Rocha, A. Santos & L. Tomás, *Entre Margens. Percursos Para Uma Vida Activa*, Ponta Delgada, Direcção Regional da Juventude, Emprego e Formação Profissional.
- Silva, C., & Fialho, J. (2006), "Redes de Formação Profissional. Uma dinâmica de participação e cidadania", *REDES- Revista Hispana para el Análisis de Redes Sociales*, Vol.11,#6, Diciembre 2006 <http://revista-redes.rediris.es>